

**PET CONEXÕES SABERES INDÍGENAS DA UFSCar: QUEBRANDO
ESTERÉOTIPOS, TRAÇANDO UMA NOVA HISTÓRIA**

LUCIANA MARIA DOS SANTOS*

Universidade Federal de São Carlos

lupankararu@gmail.com

LUZIA SIGOLI FERNANDES COSTA

Universidade Federal de São Carlos

luziasigoli@gmail.com

MARCONDY MAURICIO DE SOUZA

Universidade Federal de São Carlos

marcondy.mauricio@gmail.com

ED ANGEL FRANÇA ALMEIDA*

Universidade Federal de São Carlos

ed.terena@gmail.com

ELYNAIDE CINTHIA DA SILVA JULIÃO

Universidade Federal de São Carlos

ely.cinthiaufscar99@gmail.com

VITÓRIA MANOELA DE OLIVEIRA MELO*

Universidade Federal de São Carlos

vitoriapankararu23@gmail.com

Financiamento: * Bolsistas do Programa de Educação Tutorial (PET) Conexões Saberes Indígenas, da UFSCar.

RESUMO

Desconstruir estereótipos até hoje difundidos erroneamente sobre o que é o Indígena contemporâneo tem sido objeto de preocupação das atividades extencionistas, realizadas

pelo Grupo PET Conexões Saberes Indígenas da Universidade Federal de São Carlos. O presente trabalho tem como objetivo principal apresentar e discutir como algumas das atividades desenvolvidas no Grupo PET Conexões Saberes indígenas, da UFSCar, tem contribuído para desmistificar o “Índio”, tal como foi ou é ensinado nas escolas e reforçado pelos meios de comunicação. O método adotado tem como base relatos de experiências, vivenciadas pelos integrantes do Grupo. Como resultado, percebemos que a abordagem, sobre os povos indígenas, feita pelos integrantes do Grupo PET Conexões Saberes indígenas, tem contribuído para que cada um reflita sobre os seus conceitos e para a formação de agentes multiplicadores das informações sobre a realidade da população indígena brasileira.

Palavras-chave: PET Conexões Saberes Indígenas. Estudantes Indígenas da UFSCar. Estereótipos sobre Indígenas.

1. INTRODUÇÃO

Evidentemente, uma parcela da sociedade brasileira desconhece a diversidade dos povos indígenas, existente no Brasil contemporâneo. Passados mais de cinco séculos da invasão dos portugueses no território brasileiro, entre massacres e outras tentativas de extinção, muitos indígenas resistiram pela sua intensa luta, sabedoria e fé em suas crenças e culturas. Porém, o que é percebido pelos integrantes do Programa de Educação Tutorial - PET Conexões Saberes Indígenas, da UFSCar, é que apesar dos doze anos da presença indígena mais efetiva na cidade de São Carlos-SP o conhecimento da população, sobre os indígenas, ainda é muito incipiente. Podemos constatar esse fato no contato com estudantes de escolas públicas, privadas, instituto, universidades e mesmo com a população em geral. Em alguns desses lugares, melhor dizendo na maioria deles, podemos perceber que ainda há pouco conhecimento sobre a existência dos povos indígenas, de seus costumes, culturas e, principalmente, das singularidades presentes dentro de cada povo étnico brasileiro.

Nesse contexto, um dos principais propósitos que nos leva, enquanto PET Conexões Saberes Indígenas, a desenvolver as atividades de extensão universitária é o de criar meios para uma aproximação com a comunidade de São Carlos e outras localidades e com isso contribuir para amenizar a existência de estereótipos. Essas atividades extencionistas compreendem a realização de rodas de conversas, com temas livres, oficinas, exposições de materiais didáticos produzidos por estudantes indígenas, brincadeiras indígenas, amostra de artesanatos, entre outras. Vale ressaltar, que o Grupo recebe convites para realizar essas atividades, não só de instituições da cidade de São Carlos, como também, das cidades de Campinas, Ribeirão Preto, Araras, Franca Sorocaba, Salto de Pirapora e Piedade. Nessas localidades, sempre que oportuno, os temas relacionados aos

estereótipos sobre os indígenas também são abordados, juntamente com a apresentação do Grupo PET.

Cabe ressaltar, que os conteúdos sobre a “Colonização do Brasil em 1.500”, em geral, abordam o indígena, primeiramente, como sendo um único povo, não levando em consideração as 305 etnias e as 274 línguas distintas faladas (IBGE, 2012). Além disso, há muitas dificuldades e equívocos, por parte do público, na forma de se referir ao indígena, surgindo diferentes nomenclaturas sendo usadas com o mesmo sentido, tais como: índio, indígena, povo, etnia, tribo, comunidade e aldeia, entre outras.

Observamos que há, ainda, muita mistificação em torno do “ser índio”. Percebemos que grande parte das pessoas permanece com a ideia de que o índio vive nu, que possui, necessariamente, determinadas características fisionômicas (cabelos pretos e lisos, cor de pele escura e avermelhada, olhos puxados, entre outras). Percebemos, também, o pouco conhecimento sobre o modo de vida do indígena. Pois, a ideia predominante é que ainda hoje o indígena possui uma alimentação restrita a caça e a pesca, que vive em ocas isolados na floresta e que não tem nenhum contato com tecnologias das sociedades não indígenas, estes entre outros aspectos que dão origem e mantem os estereótipos.

No entanto, percebemos que a presença de indígenas em espaços de interação com a comunidade e, principalmente, nas escolas para falar sobre os seus antepassados, vivências, experiências, conhecimentos, culturas e modo de vida tem contribuído muito para um melhor entendimento sobre os povos indígenas, complementando ou mesmo esclarecendo os possíveis equívocos cometidos pelo material didático ou mesmo pelos meios de comunicação.

Diante do exposto, pressupomos que as atividades desenvolvidas pelo Grupo PET Conexões Saberes indígenas, da UFSCar, contribuem para a desmistificação da imagem do “Índio”, com a realização de apresentações e diálogos que levem a reflexão sobre o conceito que cada um tem em relação a população indígena brasileira.

Este trabalho tem como objetivo principal apresentar e discutir como algumas das atividades desenvolvidas no Grupo PET Conexões Saberes indígenas, da UFSCar, tem contribuído para desmistificar o “Índio”, tal como foi ou é ensinado nas escolas com base em conteúdo de livros didáticos da disciplina de História e, comumente, reforçado pelos meios de comunicação.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao tratar das características populacionais dos povos indígenas do Brasil, não podemos deixar de fazer referência ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que tem contribuído com o fornecimento de dados populacionais, levantados por meio das pesquisas domiciliares, realizadas no País, no período de 1991 a 2010. Essas pesquisas resultam de aplicação de questionários contendo entre as suas perguntas a de auto declaração de cor e raça. Comparando os dados das pesquisas de 1991 e de 2000, ficou evidente o crescimento populacional indígena de 10,8 % principalmente nas áreas urbanas, uma das observações feita para justificar esse aumento, foi:

Não existe nenhum efeito demográfico que explique tal fenômeno. Muitos demógrafos atribuíram o fato a um momento mais apropriado para os indígenas, em que estavam saindo da invisibilidade pela busca de melhores condições de vida, mais especificamente, os incentivos governamentais. (IBGE, 2012, p.4).

Mais detalhes sobre os resultados e percentuais das populações indígenas podemos observar em relação aos anos de 1991, 2000 e 2010 conforme citado a seguir:

[...] independentemente da área geográfica onde estivessem residindo, o Censo Demográfico 1991 revelou que em 34,5% dos municípios brasileiros residia pelo menos um indígena autodeclarado; no Censo Demográfico 2000, esse número cresceu para 63,5%; e, segundo os dados mais recentes, do Censo Demográfico 2010, atingiu 80,5% dos municípios brasileiros. Esse espalhamento da população indígena foi mais significativo na Região Nordeste, corroborando com o processo da etnogênese, que ocorreu e vem ocorrendo em muitas regiões do País. (IBGE, 2012, p.4).

Na tabela 1, podemos melhor visualizar a distribuição da população indígena do País como segue:

Tabela 1 - Proporção de municípios com pelo menos uma pessoa autodeclarada indígena, segundo as Grandes Regiões - Brasil - 1991/2010

| Grandes Regiões | Proporção de municípios com pelo menos uma pessoa autodeclarada indígena | | |
|-----------------|--|-------------|-------------|
| | 1991 | 2000 | 2010 |
| Brasil | 34,5 | 63,5 | 80,5 |
| Norte | 64,4 | 80,0 | 90,2 |
| Nordeste | 29,0 | 59,1 | 78,9 |
| Sudeste | 27,6 | 63,3 | 80,6 |
| Sul | 39,3 | 59,6 | 75,8 |
| Centro-Oeste | 47,8 | 74,7 | 89,1 |

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1991/2010.

Vale ressaltar que esses dados são referentes aos povos indígenas que puderam ser acessados. Pois, sabemos que há povos indígenas isolados, e por este motivo não foram incluídos nos censos demográficos desde a primeira até a última pesquisa realizada no Brasil.

Esses dados demonstram que os povos indígenas não só resistiram a uma colonização pretensamente civilizada como, também, foram reconquistando os seus espaços e direitos. Em 1988, com a promulgação da Constituição Federal as comunidades indígenas conquistaram a garantia de terem seus conhecimentos, costumes e hábitos reconhecidos como parte da riqueza cultural do país e da formação da sociedade brasileira. A valorização das práticas culturais, religiosas e a preservação das línguas originárias de cada povo indígena foi, sem dúvida, uma forma de ruptura com a histórica de subalternização (AMARO, 2016). Apesar dessas importantes conquistas e seus desdobramentos permanece, ainda, a luta contra os estereótipos sobre o indígena, tendo em vista que se trata de uma conformação histórica que se mantém ao longo de séculos.

Isso coloca em evidência a importância de iniciativas que reflitam na abertura da sociedade brasileira para conhecer um pouco mais suas diferentes realidades, histórias e diversidade sociocultural e étnico-racial que muitas vezes, ao longo de séculos de colonização, foram em vários momentos massacrados, marginalizados e invisibilizados do ponto de vista, inclusive, do conhecimento (BANIWA, 2016).

Nesse contexto, abordamos a discussão feita por Lippmann (1972), principalmente, nos aspectos conceituais sobre o termo estereótipo. Para esse autor [...] *estereótipos são padrões, modelos pré-inventados, tipos já padronizados*. (LIPPMANN, 1972, p. 151). Nos argumentos de Baccega (2012) há outro aspecto que devemos levar em consideração, que são os meios de comunicação. A autora indaga até que ponto a utilização

de estereótipos nos meios de comunicação, em nosso cotidiano, reforçam a manutenção dessa visão cristalizada e o quanto isso nos influencia (BACCEGA, 2014). Dessas leituras, podemos depreender que os estereótipos, carregados pela maioria da população, refletem como os conhecimentos de determinados povos, culturas e costumes são passados entre grupos e conseqüentemente se perpetuam. Como exemplo, podemos citar o fato do que é ensinado, inclusive pelos textos didáticos (em geral escritos por não indígenas) e, às vezes, até os conteúdos veiculados nos meios de comunicação trazem ou reforçam certos estereótipos sobre os indígenas.

2.1 A INSERÇÃO DA TEMÁTICA INDÍGENA NOS CURRÍCULOS ESCOLARES

O Plano Decenal de Educação (1993-2003) incorporou aspectos que já estavam indicados na Constituição Federal (BRASIL, 1988). Logo depois, em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), numa série de seus artigos apresenta indicações de alteração dos currículos, inserindo a temática indígena de modo a promover o acesso a conhecimentos que valorizem a história, a cultura indígena e sua contribuição para a formação do povo brasileiro. Mais especificamente, na formulação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), no volume que trata do tema transversal “Pluralidade Cultural” que a temática ganha densidade com a definição de objetivos, conteúdos e aspectos que devem ser contemplados na formulação dos currículos e, portanto, passam a fazer parte do cotidiano escolar e das salas de aula.

Como parte da trajetória, por reconhecimento e valorização dos povos indígenas, a Lei 11.645/2008 que alterou a LDB, já modificada pela Lei 10.639/2003, acrescenta a obrigatoriedade da presença da temática indígena nos currículos escolares, como parte da formação da sociedade nacional e, com isto, vem resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes a história do Brasil (AMARO, 2007).

Esta nova redação, embora com ausências marcantes (educação infantil, educação de jovens e adultos, educação superior) e restrita a algumas disciplinas (Historia, Artes e Literatura), representa um avanço na perspectiva do reconhecimento e valorização da história, bem como da afirmação e legitimação da cultura indígena como constituidora da diversidade cultural brasileira. Além disso, pode vir a se constituir em mais um instrumento em prol do combate ao preconceito e a discriminação. Para tanto, é preciso que haja foco na formação de professores, investimento na alteração curricular, de forma a melhor

compreender o papel social e cultural da escola, na perspectiva de recontar a história indígena.

2.2 ESTEREÓTIPOS VERSUS REALIDADE DA POPULAÇÃO INDÍGENA BRASILEIRA

Refletimos, inicialmente, sobre alguns pressupostos do movimento constituído ao longo de nossa história que vem conformando os entendimentos sobre os conhecimentos, saberes, práticas e costumes da cultura dos povos indígenas. É necessário compreender este processo, mesmo que rapidamente, por ser essencial para sabermos por que determinadas perguntas surgem na comunicação com os não indígenas, inclusive, na sala de aula. Como podemos perceber, pelo entendimento de que os estereótipos são modelos pré-inventados e padronizados (LIPPMANN, 1972), muitas pessoas, com as quais estabelecemos diálogos, sejam elas crianças ou adultos, demonstram ter se enganado sobre suas interpretações e conhecimentos sobre o indígena brasileiro. Observamos, frequentemente, que ao estabelecer o diálogo ocorre uma troca de conhecimentos, momento em que, na maioria das vezes, estimulamos o surgimento de perguntas. As perguntas surgem, inevitavelmente, em tom de curiosidade, questionamentos, dúvidas e a partir do que ouvimos damos continuidade às atividades.

A desconstrução dos estereótipos depende de uma soma de fatores e, inclusive, não podemos desconsiderar o papel dos meios de comunicação. Nesse sentido, dialogamos com (BACEGA 2012, p. 1) que diz: [...] *em nosso cotidiano, operando no sentido da manutenção dessa visão cristalizada* [...] como, por exemplo, o livro didático, no qual os conteúdos sobre as populações indígenas são apresentados, na maioria das vezes, de forma estereotipada.

3. METODOLOGIA

Este trabalho é fruto de relatos de experiências adquiridas pelo Grupo PET Conexões Saberes indígenas, da UFSCar. O nosso entendimento sobre relato de experiência tem como base a sua relevância na exposição de problemas, nos procedimentos ou resultados de intervenção que são realizadas, bem como, na possibilidade de aprendizagem para intervir em situações similares, ou seja, serve como uma colaboração à outras

abordagens metodológicas, de diferentes áreas de conhecimento. A seguir, apresentamos alguns aspectos formais que adotamos para apresentar esse relato de experiência.

As experiências ocorreram no desenvolvimento de atividades de extensão, com base nas demandas que surgem ao longo do ano de diferentes instituições. Os relatos são registrados, após as realizações das atividades de extensão, ofertada para diferentes públicos.

Para a concretização dessas atividades, costumeiramente, realizamos rodas de conversa, para públicos de diferentes faixas etárias (criança de três anos de idade, no caso de creches, até para pessoas de idade bastante avançada), em instituições escolares, projetos e eventos. As falas são preparadas, antecipadamente de acordo com o público e objetivo, como por exemplo, comemorações do “dia do índio” e outros eventos.

Iniciamos a fala, fazendo uma breve apresentação pessoal, falando na língua da etnia (isso quando alguém do grupo ainda fala na sua língua). Em seguida fazemos uma apresentação das regiões do Brasil nas quais se fazem presentes alguns estudantes correspondentes às regiões apresentadas, explicando a localidade da sua etnia. Na sequência perguntamos o que sabem sobre os indígenas e nesse momento, observamos certa aproximação entre os povos, ou seja, entre quem fala e quem ouve. A partir do diálogo estabelecido e da constatação de que houve uma empatia do público é que conseguimos minimizar ou até desconstruir os estereótipos presentes naquele espaço.

4. RESULTADOS

Como resultado, de modo geral, percebemos que a abordagem, sobre os povos indígenas, feita pelos integrantes do Grupo PET Conexões Saberes indígenas, tem contribuído para que cada um reflita sobre os seus conceitos e para a formação de agentes multiplicadores das informações sobre a realidade da população indígena brasileira.

Sobre os resultados das falas dos integrantes do Grupo, na comunidade de São Carlos e de outras localidades, podemos salientar os retornos que essas atividades de extensão, do Grupo PET Conexões Saberes indígenas, da UFSCar, nos dá pelo recebimento de e-mails de agradecimentos, por parte de diretores e professores que agradecem em seus nomes e da turma. Relatam que, assim como a maioria dos alunos, ampliaram seus conhecimentos. Boa parte dos ouvintes, fala que só sabia o que aprendeu na escola, quando estudou a “Colonização do Brasil”.

Percebemos os olhares de surpresa quando, tanto professores, quanto alunos, tomam conhecimento da existência, no Brasil, de 305 etnias e 274 línguas faladas pelos povos indígenas, sendo que cada etnia tem sua cultura, costumes e crenças.

Além disso, se surpreendem também quando percebem que os indígenas fazem uso de computador e celular, por exemplo. Isso nos leva a perceber como os estereótipos estão presentes no imaginário da população brasileira não indígena, demonstrando que há equívocos nas interpretações e conhecimentos sobre o indígena brasileiro.

Observamos, ainda, que ao estabelecer o diálogo ocorre uma troca de conhecimentos, momento em que estimulamos o público para expor as suas dúvidas, quando surgem. Dessa maneira, entendemos que contribuimos para minimizar as possibilidades de as pessoas continuarem acreditando na existência de um único “Índio”, aquele de 1.500, que vive na reserva, mora em oca, se alimenta de caça e pesca, não usa roupas, é preguiçoso e só dorme em rede, entre outras características que para muitos definem o “índio”. Cada oportunidade de fala, os integrantes do Grupo procuram trabalhar a desconstrução dos estereótipos principalmente nas escolas para estudantes das séries iniciais, conforme ilustra as Figuras 1 e 2, a seguir:

Figura 1 – Oficina sobre cultura e modo de vida indígenas para crianças do ensino fundamental I



Fonte: Disponível no *facebook* da escola

Figura 2 – Roda de conversa sobre a diversidade indígena do Brasil, com crianças do Fundamental I e II



Fonte: Disponível no *facebook* da escola

É nesse contexto, que em todas as oportunidades de falas os integrantes do Grupo procuram trabalhar a desconstrução dos estereótipos, principalmente, nas escolas para estudantes das séries iniciais. Após a realização das atividades os integrantes dialogam,

fazendo uma avaliação informal das nossas percepções de como a atividade se desenvolveu.

Essas atividades advindas do PET Conexões Saberes Indígenas, tem contribuído com a nossa formação acadêmica no quesito ensino e aprendizagem. Essas contribuições relacionam ao trabalho coletivo, divisão de tarefas e funções de organização e elaboração de materiais para uso nas atividades. Também contribui para aprimorar a oralidade nas apresentações sejam em rodas de conversas, palestras e até mesmo, em seminários que costumamos realizar como requisito parcial de avaliação do curso. Também valorizam a diversidade de conhecimentos, culturas e modo de vida numa relação de troca e complementariedade, identificando as potencialidades que levam, não só a formação, como também a desejada transformação das nossas comunidades e realidades.

5. CONCLUSÃO

A presença do Grupo PET, Conexões Saberes indígenas da UFSCar, tem ocorrido em todos os espaços que lhe são concedidos os direitos de fala e, portanto, as possibilidades de fazer as suas contribuições, cada um dentro de sua cultura específica, sobre a conservação da vegetação nativa, economia do país, dentre outros fatores. Assim, são feitas as exposições e os esclarecimentos sobre os povos indígenas do Brasil.

Concluimos, também, que em cada atividade encontramos públicos distintos, crianças, adultos, professores. Além dos conhecimentos que eles adquirem nós, também, como palestrantes indígenas temos oportunidades de aprender e adquirir novos conhecimentos para ganhos pessoais e profissionais.

Nas ocasiões em que proferimos as palestras, realizamos rodas de conversa, oficinas, temos a oportunidade de conhecer novas pessoas, novos modos de vida e de como essas pessoas enxergam o indígena contemporâneo.

O contato com diferentes públicos tem propiciado, também, a formação de várias parcerias em instituições de ensino superior e nas secretarias de ensino básico no município de São Carlos e outras cidades ao redor deste município. Ressaltando, ainda, que este trabalho se trata de uma atividade contínua e vem sendo desenvolvido anualmente.

Após a realização das atividades os integrantes dialogam, fazendo uma avaliação informal das nossas percepções de como a atividade se desenvolveu. Nessa abordagem, os

integrantes do Grupo PET vêm contribuindo com a formação de agentes multiplicadores para uma reflexão sobre o conceito referente a população indígena brasileira.

Ao concluir o nosso trabalho, vivenciamos um sentimento de que ensinamos e aprendemos, ao mesmo tempo. Principalmente, sobre a maneira como podemos tratar e abordar cada questão nesse aprendizado de mão dupla, em que a sociedade como um todo se beneficia com os novos conhecimentos.

REFERÊNCIAS

AMARO, Ivan. Histórias e culturas indígenas presentes na escola: Potencialidades do currículo para a desconstrução da colonialidade. *In*: RUSSO, Kelly Russo e PALADINO, Mariana Paladino (org.). **Ciências, tecnologias, artes e povos indígenas no Brasil: subsídios e debates a partir da Lei 11.645/2008**. Rio de Janeiro: Garamond, 2016, p. 103-129. Disponível em: http://www.promovide.febf.uerj.br/biblioteca/nepie/ciencia_tecnologia_indigena_ebook.pdf. Acessos em: 03 Out. 2019.

BANIWA, Gersem Luciano. A inclusão da temática indígena na escola: Desafios para a educação. *In*: RUSSO, Kelly Russo e PALADINO, Mariana Paladino (org.). **Ciências, tecnologias, artes e povos indígenas no Brasil: subsídios e debates a partir da Lei 11.645/2008**. Rio de Janeiro: Garamond, 2016, p. 59-71. Disponível em: http://www.promovide.febf.uerj.br/biblioteca/nepie/ciencia_tecnologia_indigena_ebook.pdf. Acessos em: 02 Out. 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil, 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm. Acesso em: 01 Out. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Os indígenas no Censo Demográfico de 2010: primeiras considerações com base no quesito cor ou raça**. IBGE. Rio de Janeiro, 2012.